

Renato Suttana

# Coroa de ruídos

o arquivo de  
Renato Suttana

[http://www.arquivors.com/renato\\_coroa.pdf](http://www.arquivors.com/renato_coroa.pdf)

2010

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

e-mail para contato:  
[rsuttana@arquivors.com](mailto:rsuttana@arquivors.com)

*Copyright* © Renato Suttana, 2010

---

[http://www.arquivors.com/renato\\_coroa.pdf](http://www.arquivors.com/renato_coroa.pdf)

## Sumário

|                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| <u>SONETOS DE SÍSIFO.....</u>      | <u>5</u>  |
| <u>I.....</u>                      | <u>6</u>  |
| <u>II.....</u>                     | <u>7</u>  |
| <u>III.....</u>                    | <u>8</u>  |
| <u>IV.....</u>                     | <u>9</u>  |
| <u>V.....</u>                      | <u>10</u> |
| <u>VI.....</u>                     | <u>11</u> |
| <u>VII.....</u>                    | <u>12</u> |
| <u>VIII.....</u>                   | <u>13</u> |
| <br>                               |           |
| <u>TERIA VALIDO.....</u>           | <u>14</u> |
| <u>I.....</u>                      | <u>15</u> |
| <u>II.....</u>                     | <u>16</u> |
| <u>III.....</u>                    | <u>17</u> |
| <u>IV.....</u>                     | <u>18</u> |
| <u>V.....</u>                      | <u>19</u> |
| <u>VI.....</u>                     | <u>20</u> |
| <u>VII.....</u>                    | <u>21</u> |
| <u>VIII.....</u>                   | <u>22</u> |
| <u>IX.....</u>                     | <u>23</u> |
| <u>X.....</u>                      | <u>24</u> |
| <br>                               |           |
| <u>O PORTÃO.....</u>               | <u>25</u> |
| <u>Há tantos dias.....</u>         | <u>26</u> |
| <u>Ensina-me.....</u>              | <u>27</u> |
| <u>O dia me alimenta.....</u>      | <u>28</u> |
| <u>Gesto.....</u>                  | <u>29</u> |
| <u>Esperar que o silêncio.....</u> | <u>30</u> |
| <u>Cor.....</u>                    | <u>31</u> |
| <u>Ferida.....</u>                 | <u>32</u> |
| <u>O portão.....</u>               | <u>33</u> |
| <u>Resíduo.....</u>                | <u>34</u> |
| <u>O construtor.....</u>           | <u>35</u> |

|                                  |           |
|----------------------------------|-----------|
| <u>Gaia ciência.....</u>         | <u>36</u> |
| <u>Agora.....</u>                | <u>37</u> |
| <u>Forma.....</u>                | <u>38</u> |
| <u>Aventura.....</u>             | <u>39</u> |
| <u>Contabilista.....</u>         | <u>40</u> |
| <u>Estabilidade.....</u>         | <u>41</u> |
| <br>                             |           |
| <u>UM CANTO PARA SÍSIFO.....</u> | <u>42</u> |
| <u>Um canto para Sísifo.....</u> | <u>43</u> |

# SONETOS DE SÍSIFO

# I

De que farei meu dia? Que matéria  
há de compor seu corpo de fracasso?  
Devo sangrar à sombra esta miséria,  
desfazer-me em ludíbrio neste espaço?

Que coisa hei de querer que seja séria  
e não se decomponha em negro e baço,  
mas se sustente, à luz sublime e etérea,  
sem ressecar ao sol do que não faço?

Devo agarrar-me à ideia de um sentido  
que afinal se entremostre, como um rosto  
que em meio à escuridão foi discernido?

Ou devo, só, sentar-me na soleira,  
satisfeito da tarde e do sol-posto –  
prêmio que venço, embora não o queira?

## II

Não vejo nada. Existo simplesmente  
num píncaro do dia, onde reflito  
(reconstituída a calma em minha mente)  
sobre o crescer do tempo – enorme e aflito.

Sou presença e sou calma – atentamente,  
como uma água que corre ao infinito,  
como uma asa que pulsa de repente,  
movendo ar e surpresa. (E aqui medito

no ontem disperso – em sua consistência  
amarga e duvidosa; e então me aprumo  
sobre o fio do instante, todo ciência,

todo expressão da perda.) Estou no topo.  
Sou presença e delonga em meu escopo –  
vontade que se evola em brisa e fumo.

### III

Raiva do esquecimento, que me priva  
de uma parte de mim que desconheço;  
que me deixa a sangrar numa deriva,  
sempre em véspera do alvo e do arremesso.

Raiva de ser no escuro – o recomeço  
sem sentido da ação, confusa e esquiva:  
desejo de *ter sido*, que despeço  
quando alcançada a parte decisiva.

Despeito de não ser, que se confirma  
na dispersão de após – na privação  
disto que vai no vento e não se afirma:

mero *ver* que se sabe, no intervalo  
aberto sobre a gana de encurtá-lo  
que suspeitar converte em duração.

## IV

Ânsia de suspensão e movimento  
que me assalta na tarde, indefinida.  
Vontade de atingir, num pensamento,  
o extremo luminoso desta vida –

e entretanto rolar, sem complemento  
(na ilusão inefável da subida),  
perdido o impulso do arrebatamento,  
pela seca aspereza da descida.

Ânsia de coisa e salto, que se embate  
contra o muro do tédio e da cegueira –  
que a asa do vento, gélida, combate,

forçando-a para baixo, para o solo  
onde não acha prêmio nem consolo,  
onde é tudo despeito, e pedra, e poeira.

## V

Quero chegar mais cedo àquele cimo  
onde tudo me arrisca e desafia –  
e lá sofrer o gume do amplo dia  
(ou da incerta palavra com que o exprimo).

Quero alcançar seu horizonte claro  
(do dia), ultrapassado de estreiteza,  
suplantando o receio, que me pesa,  
que ao meu redor se estende – um anteparo.

E ser *do mundo*, vendo-o como quem  
o soubesse por dentro e nele fosse,  
em sua dança clara, algo ou alguém.

Quero subir, sem a preocupação  
de pertencer à poeira que há no chão –  
de submeter-me ao seu domínio e posse.

## VI

Todo recomeçar é inutilmente  
e escancarar as portas, perquirir  
o fundo da certeza, que se mente  
em ocorrer, em vir, em decidir.

Toda espessura é nula, todo abrir  
de portas contraria e nos desmente:  
nos expõe aos perigos de insistir  
cujo fundo é de lama, e inconsequente.

Toda promessa falha, quando, ansioso,  
o olho nela mergulha – ponderoso  
e entretanto iludido (ludibriado

da esquiva fantasia de querer). –  
Toda emoção que ali nos faz arder  
é só uma herança obscura – um não-passado.

## VII

Tentando decifrar-me no segredo  
que há no fundo da treva, colocado  
para além de justiça e de chamado,  
vou tateando às cegas, muito a medo,

como se conhecer fosse um brinquedo  
que eu devesse montar, fino e atilado,  
tendo por guia o mapa do passado  
(que do mistério é apenas o arremedo,

a parte dada, inutilmente posta  
entre mim e o que quero) – no limite  
da decisão que o meu tentar permite.

Busco, como quem vê, como quem junta  
um tesouro de sono e de pergunta  
que não existe e espera uma resposta.

## VIII

Para chegar ao topo do meu dia,  
para alcançar a meta pretendida,  
para vencer a agrura da subida,  
perseguindo o fantasma que me guia;

para atingir o topo, que se adia  
no desejo da cor não prometida  
(de que a alma, entanto, exausta, não duvida,  
pois se alimenta de tal fantasia) –

despeço-me do frustrado pensamento  
das coisas que tentei e se perderam  
no escapar tumultuoso do momento:

e me prendo somente a uma intenção,  
cujo lema gravei em meu brasão,  
do impossível que as horas prometeram.

TERIA VALIDO

# I

A rosa  
teria valido a pena, o  
dardo teria  
compensado qualquer esforço,

inclusive à noite,  
a segurar a lanterna,  
como quem procura, como  
quem escava e é capaz  
de sair de si.

Como quem  
sabe um caminho e o aponta,  
para dentro de si mesmo,  
onde todas as sombras  
se resolvem: como coisas,  
palavras, luas.

Teria  
valido a pena: a rosa,  
o esforço de atingir  
o limite da pétala, mas não  
um assim  
tão desajeitado passo  
por fora do círculo:

não um passo assim  
precipitado,  
para fora de si mesmo  
e do que nunca se encontrará.

## II

Teria dado a tudo isso  
um contorno de pétala, teria  
aberto o portão, entrado,  
achado um  
caminho  
passível de mapas.

### III

Rosa descontinuada,  
altura  
convertida em poço:

lento  
é o sistema de agosto, agudo  
o espinho do sol  
sobre a face – e neutro

só o cumprir-se do deserto,  
lentamente, compassadamente,  
até que não haja mais

rosa nenhuma.

## IV

Arco  
do ar bipartido, círculo  
do azul recomeçado:  
quem desmerece  
a fadiga encontra  
um círculo de tédio  
para o seu olho.

Arco  
e não poder ir mais alto,  
como um pássaro o teria feito,  
saltando do inverno  
para alguma coisa  
de luz.

## V

Saltando  
do inverno para  
qualquer coisa em que  
uma altura  
    se justificasse:  
    um poço  
não fosse apenas  
a multiplicação das quedas.

Saltando  
para o melhor, mesmo que  
fora de si mesmo ou  
num inverno deserto  
no qual houvesse  
pelo menos  
    uma lâmina  
que não se destinasse  
ao nosso sangue.

## VI

Saltando  
por cima de qualquer coisa  
que não se pudesse medir  
com a fragilidade  
das rosas, com o  
    mistério lúcido  
    do sol.

Saltando  
para diante, sempre,  
para diante até o indefinido:  
para diante do caos  
    que se cultiva  
    entre duas bocas,  
    uma boca  
    entre  
    dois dias,

saltando para diante  
da centelha  
que dardeja o dia  
e nele  
cai.

## VII

Como uma falha  
do ar,  
teria valido a pena,  
teria sido  
mais do que

qualquer coisa  
que não se pode reter  
numa mão, que não se pode  
segurar  
    e cai  
    no ar  
    e cai

no inverno  
de inverno a inverno,  
    e cai

no pensamento do inverno –  
uma coisa  
que não se pode  
dentro de si  
e se ignora  
e se vive  
como no estrangeiro

entre leopardos.

## VIII

De inverno a inverno,  
caindo  
no inverno:

de sombra em sombra,  
entre as chuvas,  
entre os dias desertos –

entre as chuvas,  
caindo  
entre as mandíbulas do

tédio –  
por fora de si mesmo,  
por fora de cada dia

até o caos.

## IX

A coisa  
quando assume  
as proporções de um desastre,  
quando não podemos evitar

e somos levados pela correnteza,  
por uma espécie de correnteza que,  
no entanto, é apenas  
uma aridez mais própria,

vivida a partir do interior  
(que se mistura ao caos em agosto,  
que se mistura à possibilidade  
e progride para o desastre),

a coisa  
quando assume as proporções  
de alguma coisa que se quebrou  
e não se pôde levar para casa.

## X

Teria valido a pena,  
houvesse um propósito,  
houvesse um ruído

que acontecesse lá,  
como um chamado,  
e não esta estrutura,

este osso arrancado  
ao silêncio, agarrado  
em plena aridez, em pleno

deserto (que sabemos nós  
acerca do deserto, que  
sustentação podemos dar

ao que no deserto é apenas  
exasperação e incapacidade  
de chegar ao centro,

obter uma pequena chuva,  
quando tudo parece avançar  
para a esterilidade?),

ao ar livre, como uma pedra  
deixada para envelhecer  
à luz de agosto.

## O PORTÃO

*Quase esquecido, já, de ter de me cumprir,  
Oco de tudo, é que eu, feliz, vivia.*  
(José Régio)

## Há tantos dias

Tenho estado perdido há tantos dias,  
há tantos séculos da criação,  
que encontrar uma saída ou solução  
pertence ao círculo das fantasias.

Tenho andado entre pugnas e porfias,  
sem ideia de norte ou direção,  
perseguido a verdade do que não,  
do que é só fuga entre as horas vazias.

Quando uma nova aurora se confirma,  
apregoando o valor de outro começo,  
meu sentido do esforço não se afirma:

demora-se na chama da pergunta,  
mirando as ruínas do que o tempo junta,  
no inútil jogo do alvo e do arremesso.

## Ensina-me

Ensina-me a viver no dia vário,  
todo entregue à vertigem que há no vento  
e às aventuras lúcidas do intento,  
que me lançam num voo extraordinário.

Ensina-me a poder, retardatário,  
e a estar à altura do ar e do momento,  
sujeito às flutuações do movimento  
e às armadilhas mil do calendário.

Dá-me o gosto fatal da acrobacia  
que me insufla o desejo do inconstante,  
onde eu de abismo e cor me perderia.

Ensina-me a querer na luz do instante,  
e a saltar os degraus de dois em dois,  
e a suportar o tédio de depois.

## O dia me alimenta

O dia me alimenta de paisagens,  
indiferente à minha distração:  
sem perguntar se vou, se quero ou não,  
se me convém o teatro das imagens.

Alimenta-me à flor da imperfeição,  
onde desisto de asas e miragens  
(perdido no exercício das sondagens),  
de qualquer coisa que os sentidos dão,

mas não pertence ao circo do que invento,  
encalhado no atol do pensamento,  
para o consumo impróprio da quimera.

Aos meus olhos indica uma maneira  
e uma cor mais completa e verdadeira,  
com valor de começo e primavera.

## Gesto

Para ser, para haver, para existir,  
par dar ao teu dia uma resposta  
que seja verdadeira e não suposta  
e contenha a razão de persistir;

para não ser assim, a transigir  
ao peso da evidência, sempre imposta,  
como um naufrago em dúvida, obscura costa,  
a cujo dente teima em resistir;

seria necessário ao teu empenho  
outro dia, talvez, outro horizonte,  
outro fervor ou luz no teu engenho –

e que fosses melhor que o próprio gesto  
com que, fingindo, ensaias um protesto  
contra o ermo sol que sobre ti desponte.

## Esperar que o silêncio

Esperar que o silêncio, acontecendo  
indiferentemente ao teu valor,  
te diga uma palavra cujo ardor  
vá no teu grito pobre amanhecendo,

vá sobre o teu desejo suspendendo  
um toldo azul de argúcia e de calor,  
que, abrindo-se na luz como uma flor,  
seja o que vens tramando e pretendendo.

Esperar que o silêncio se desfaça  
como um torrão de areia à orla do mar  
ou como em pleno vento uma fumaça:

e dele saia o que andas a buscar –  
dito por uma boca de segredo  
que bem sabe o porquê do teu degredo.

## Cor

Uma cor excelente me oferece  
maio, que entanto há pouco era chuvoso:  
me incita à persistência, me embelece,  
faz progredir em mim um sol radioso;

crece em luz e manhã no arco moroso  
da vontade, que aos poucos se embrutece,  
dando um sentido novo, rigoroso,  
ao perdido fervor da minha prece.

Um tom de recomeço, obscurecido  
pela chuva de outrora e pelo vento,  
se afirma, num desvão do pensamento:

sugere-me agudeza, asa e distância,  
bem como a gentil pista de uma infância  
que nunca floresceu no meu gemido.

## Ferida

De ter assim falhado, quando o dia  
era de sol e fogo e tentativa,  
fica em mim a lembrança (agora fria),  
boiando à superfície, em vã deriva.

Fica o pressentimento, que se aviva,  
de que tudo me empece e me desvia,  
forçando-me a depor, de alma cativa,  
minha ambição do prêmio que se adia.

Do que floriu à sombra e definhou  
entre as arestas do ar e do despeito,  
fica um ressaibo à margem do que sou,

latejando em silêncio, obscuramente,  
como uma velha urgência no meu peito –  
uma ferida de que sou descrente.

## O portão

Não menos que um milhão de pensamentos  
parecem espreitar na noite escura,  
formando um círculo de conjetura  
ao redor do que são razões e ventos.

Sem perspectiva de alvo ou estrutura,  
demoro-me, profundo, entre os momentos,  
a edificar castelos de argumentos,  
com a água a me bater já na cintura.

Quando a manhã deserta se anuncia,  
descubro – derrotado – que o meu gesto  
nada cresceu à sombra, mais vazia:

e que ser eu de nada me serviu  
na guerra contra o escuro, que detesto,  
tal como algum portão que não se abriu.

## Resíduo

Como um resíduo seco, desprezado,  
que no fundo do acaso descobri,  
vem a certeza de que estar aqui  
não cumpre coisa alguma do mandado:

vem a noção de que fui convocado  
por ordem de algum rei que nunca vi,  
mas de que todo o esforço que empreendi  
foi em vão, por ingênuo e equivocado.

Surgido de uma incerta profundura,  
a flutuar sobre a sombra como uma ave,  
vem afinal o pasmo, que perdura:

de compreender que, fiel à ordem dada,  
me empenhei contra espectros, num enclave,  
e que do andado só restou a estrada.

## O construtor

Foi tão longo o trabalho de construir  
uma ponte por cima do vazio  
que separa o que almejo do que adio,  
que já não sei se posso conduzir

meu cargueiro de sombras ao porvir,  
se posso enfim, cortando o antigo fio  
que me prende ao calor de um peço estio,  
frutificar no outono de sorrir.

Foi tão longo o trabalho e tão completo,  
absorvendo o meu sonho predileto,  
num doido afã de truques por fazer

(cumprindo o que no início era saber),  
que o tempo de uma vida se esgotou  
e o construtor de pontes não passou.

## Gaia ciência

A ciência do não ser rapta o meu ouro  
e me deixa sozinho na estação,  
a suportar o peso do verão  
na fímbria do sentido onde laboro.

Acrescentando um dado ao meu tesouro  
(que bem sei não terá continuação),  
seu sopro vem somar-se à viração,  
como um tipo qualquer de mau agouro.

Eu, então, percebendo o que ela traz  
e o nada que acrescenta à estranha paz  
em que aos poucos me afundo, inadvertido,

ponho-a de lado e observo a tarde real,  
nova e plena de um brilho inaugural  
que o pensamento sofre, comovido.

## Agora

Agora que o teu salto formidável,  
que o teu golpe mais fino e bem urdido  
fracassou finalmente, desmentido  
pelo alfanje do tempo insubornável;

agora que o teu plano mais estável  
de chegar a algum porto, encarecido,  
se mostrou improfícuo, conduzido  
por mão de principiante, incerta e inábil;

agora que o teu jarro se quebrou  
à plena luz do incêndio, insuficiente,  
e que o teu grito enorme se calou –

resta-te ver que o sol não te desmente,  
que estar em casa é estar ao desamparo  
no dia que afinal se tornou claro.

## Forma

Já não quero formar nem imprimir  
ao material inerte do possível  
um perfil excelente, discernível,  
que o tempo vem propor ou sugerir:

não quero impor ao lento conseguir  
um formato qualquer, claro e exprimível,  
que justifique o tédio do desnível  
no sonho do que alcanço repelir.

Quero, antes, o desprezo e a infinitude  
do que, de indefinido, não ilude  
meu anseio de espaço e de contorno:

seu recorte sonhado, sua luz,  
sua clareza vã que me seduz,  
iluminando a vida, sem adorno.

## Aventura

É somente aventura, tentativa,  
veleidade a que o tédio nos incita,  
salto mortal na noite que medita  
a verdade do sono, injusta e esquiva,

o improvável pensar que nos concita  
à palavra, tão breve e fugitiva,  
e que, por menos nossa e mais esquiva,  
a transforma em medida, em coisa dita?

É somente uma aposta do silêncio  
que, repleto de si, no escuro imenso,  
busca o reflexo do erro em que renasce?

Ou algo mais da sombra ou mesmo do ar  
que vem em nossa boca se inflamar,  
como se o próprio inverno o convocasse?

## Contabilista

De espasmos, de quimeras, de intenções,  
de fantasias que não se firmaram  
à flor do tempo e aos poucos naufragaram,  
vencidas pelas chuvas e monções;

de valentes impulsos e visões  
que em metas duvidosas apostaram  
e no fim, como torres, desabaram,  
antes mesmo de virem os tufões –

de tudo o que é passível de destroço  
meu pensamento ocupa-se na tarde,  
como bandeira vil do que não posso:

como contabilista do possível  
que nunca se convence do incabível  
e perscruta a semente que ele guarde.

## Estabilidade

Farto de andar perdido no estrangeiro  
e de sofrer o cerco da ansiedade  
(que não contém sentido nem verdade),  
tento mudar de rumo e de roteiro;

tento fazer do impulso passageiro  
(sem qualquer pretensão de autoridade)  
um compromisso de estabilidade  
que me torna mais sóbrio e mais certo.

Convertendo os refluxos da inconstância  
e da velha indigência em que patino  
numa forma qualquer de relutância,

tento dar ao meu rosto uma feição  
e ao meu gesto firmeza e explicação  
onde o vento é caminho e o sol destino.

# UM CANTO PARA SÍSIFO

## Um canto para Sísifo

De só recomeçar, e então querer de novo,  
estar de novo, ser de novo o que começa;  
estar assim, parado aqui, olhando a porta  
que pode não se abrir, que pode estar trancada,  
mas que não põe limite à esperança, excessiva,  
de atravessar que impregna o vento, a luz, o dia –  
tornando instável tudo e fechando, por fora  
(fora do pensamento e fora do possível),  
a ideia simples de jamais poder passar,  
de estar assim exposto e ser sombra exterior,  
exilada no dia, em frente à enorme porta,  
que pode nem se abrir, que pode estar trancada;

de assim recomeçar, e então fazer de novo,  
tentar de novo o que a verdade não confirma,  
e entanto indiferente às vozes do fracasso,  
permanecendo ali, como um vento insistente  
que força, em vão, batendo em vão contra a vidraça;  
recomeçar, como algum ar que recomeça,  
como uma água que vem à fonte e recomeça,  
fluindo fresca e transparente em meio à sombra  
que o fulgor estival do sol no chão desenha;  
e não ter margem, não ter meta, nem ter porto;  
mas insistir de novo, e começar de novo,  
como, depois da noite, um dia amanhecendo. –

Sem pensar que o que foi, que o que o tempo gastou  
e nunca realizou (e entretanto iludiu  
com o pensamento morno e doce do possível)  
tombou na curva, destroçado e impenitente;  
sem supor que assim foi, bater mais uma vez,

forçar de novo aquela porta, invicto e imenso,  
como se a realidade e o peso da verdade  
nada fossem no dia e nada contivessem  
da velha proibição que vem do tempo e pesa  
(e vem do fundo imemorial do puro haver,  
do puro acontecer que o tempo não resolve);  
como se nada fosse o não obter resposta.

Bater de novo. Olhar de novo. E novamente  
forçar, intruso, aquela porta, e insatisfeito;  
e bater outra vez, sem medo da resposta,  
como se haver resposta e como se bater  
fosse o sentido próprio (e toda a explicação)  
para tal persistência – e este não ter sentido  
nenhuma persistência (entretanto insuflada  
pelo sopro de algum obscuro pensamento,  
de uma suposição obscura e uma suspeita,  
que por si mesma justifica, injusta e cega,  
todo recomeçar; e então querer de novo,  
e ser de novo, e estar, e ser o que começa,

aqui parado, em frente à porta, que não se abre) –  
de bater e esperar, batendo para sempre,  
e repetindo o gesto, e outra vez repetindo-o  
(como quem sabe e, entanto, ansioso, indiferente  
ao que a verdade diz – muda ou incompreensível –  
disso não se convence, isto é, de que a ampla porta  
está fechada, e sempre esteve) para sempre;  
diante da porta que, entretanto, está trancada,  
mas que não põe limite à ansiedade, excessiva,  
de atravessar, que impregna o vento e a luz do dia,  
e torna instável tudo, e fecha, mas por fora,  
a ideia simples de jamais poder passar.